

IX

LEMBRANÇAS AMARGAS

Logo após os penosos acontecimentos de 70 e de conformidade com os desejos de Flávia, o senador passou a residir na sua vivenda confortável de Pompéia, longe dos bulícios da capital. Lá poderia entregar-se melhor às suas meditações.

Para lá transportára então, o velho político, todo o seu volumoso arquivo, bem como as lembranças mais carinhosas e mais importantes da sua vida.

Dois libertos gregos, extremamente cultos, foram contratados para os trabalhos de escrita e leitura, e assim é que no seu retiro se mantinha êle ao corrente de tôdas as novidades políticas e literárias de Roma.

Nêsses tempos recuados, quando o homem se encontrava ainda longe dos benefícios preciosos da invenção de Gutenberg, os manuscritos romanos eram raros e sumamente disputados pelas elites intelectuais da época. Uma casa editora, quasi sempre dispunha de uma centena de escravos calígrafos, inteligentes, que confeccionavam mais ou menos mil volumes comuns, aproximadamente.

Públio, porém, possuía em Roma sinceras e numerosas amizades ao seu serviço, recebendo em Pompéia todos os écos dos acontecimentos da cidade que lhe absorvera as melhores energias da vida.

Amiudadamente, recebia também notícias de Plínio Severus, por intermédio de amigos desvelados, confortando-se intimamente com as informações dignas, da sua nova conduta, porquanto, pelos méritos conquistados nas Gálias, fôra transferido, depois de 73, para Roma, onde, pela correção do proceder, embora tardiamente, conquistára posição respeitável e brilhante, prosseguindo nas tradições da probidade paterna, nos cargos administrativos do Império.

Plínio, todavia, não mais voltára a procurar a es-

pôsa ou aquele que o destino o compelia a considerar como um pai dedicado e carinhoso, embora não ignorasse o supremo infortúnio dos seus familiares. No íntimo, o antigo oficial romano não desdenhava a idéia de regressar ao seio dos entes queridos; todavia, desejava fazê-lo em condições de dissipar todas as dúvidas quanto ao considerável esforço próprio, de sua regeneração. Galgando postos de confiança na administração dos Flavianos, queria uma posição de maiores vantagens morais, de maneira a levar aos seus íntimos a certeza da sua reabilitação espiritual.

Corria o ano de 78, na placidez das paisagens formosas da Campânia. Enquanto Tibur representava uma estação de cura e descanso regenerador para os romanos mais ricos, Pompéia era bem a cidade dos romanos mais sadios e mais felizes. Em suas vias públicas encontravam-se, a cada passo, os mármorees soberbos e o bom gosto das mais belas construções da capital aristocrática do Império. Em seus templos suntuosos, aglomeravam-se assembléias brilhantes, de patrícios educados e cultos, que se instalavam na cidade linda, povoada de cantores e poetas, ao pé do Vesúvio e iluminada por um céu de maravilhas, cheio de sol harmonioso ou bordado de estrelas cariciosas.

Públio Lentulus, agora, apreciava, sobremaneira, a palavra simples e convincente de Ana, que envelhecera ao lado de Flávia, qual bela figura de marfim antigo. Era de ver-se o seu interesse comovido e a sua alegria íntima em a ouvindo sobre a excelência dos princípios cristãos, quando se entretinham em recordações da Judéia distante.

Nessas amáveis palestras, entre os três, logo após o jantar, discutia-se a figura do Cristo e as sublimadas ilações da sua doutrina, conseguindo o senador, pela força das circunstâncias, meditar melhor os grandiosos postulados do Evangelho, ainda fragmentário e quasi desconhecido, para ligar os princípios generosos e santos do Cristianismo á personalidade do seu divino fundador.

Longas horas ficavam ali no terraço amplo, aquelas três criaturas em cujas frentes se vincavam as experiên-

cias dos anos, como se as brisas da noite fôsem sôpros suaves de inspirações celestes, sob a luz branda das estrêlas.

Por vezes, Flávia fazia um pouco de música, que saía da sua harpa como fulgurante gemido de dôr e de saudade, alcançando o coração paterno mergulhado no abismo de suas dolorosas reminiscências. E' que a música dos cegos é sempre mais espiritualizada e mais pura, porque, na sua arte, fala a alma profunda, sem as emoções dispersas dos sentidos materiais.

Uma noite, obedecendo ao hábito de muitos anos, vamos encontrar aquelas três criaturas no espaçoso terraço da vila de Pompéia, em rememorações carinhosas e amigas.

Havia mais de sete anos que quasi todas as palestras versavam, ali, sôbre a personalidade do Messias e a excelsa pureza da sua doutrina, observada, antes de tudo, a precisa discreção, porquanto os adeptos do Cristianismo ainda continuavam perseguidos, embora com menos crueldade.

Em tôdo caso, invariavelmente, a conversação era de enfêrmos e de velhos, sem provocar o interêsse dos amigos mais moços e mais felizes.

Depois de algumas lembranças e comentários de Ana, a respeito da angustiosa tarde do Calvário, exclamava o velho senador em tom convencido:

— De mim para comigo, tenho a certeza de que Jesús ficará para sempre no mundo como o mais elevado símbolo de consolação e fortaleza moral para tôdos os sofredores e para todos os tristes!...

Desde os primeiros dias de minha cegueira material procuro, intimamente, compreender-lhe a grandeza e não consigo apreender toda a extensão da sua excelsitude e dos seus ensinos.

Lembro-me, como se fôsse ontem, do crepúsculo formoso em que o vi pela primeira vez, ao longo das margens do Tiberiades...

— Eu também — murmurou Ana — não consigo olvidar aquelas tardes deliciosas e claras em que tôdos os servos e sofredores de Cafarnaum nos reuníamos á

margem do grande lago, esperando o suave enlêvo das suas palavras.

E, como se estivesse contemplando o desfile de suas recordações mais queridas, com os olhos da imaginação a velha serva continuava:

— O Mestre apreciava a companhia de Simeão e dos filhos de Zebedeu e, quasi sempre, era em uma de suas barcas que êle vinha, carinhoso, atender ás nossas rogativas...

— O que mais me assombra — dizia Públio Lentulus impressionado — é que Jesús não era, ao que se soubesse, um doutor da Lei ou um sacerdote formado pelas escolas humanas. Sua palavra, entretanto, estava como que ungida de uma graça divina. O olhar sereno e indefinível, penetrava o fundo da alma e o sorriso generoso tinha a complacência de quem, possuindo tôda a verdade sabia compreender e perdoar os êrros humanos. Seus ensinios, diariamente meditados por mim, nêstes últimos anos, são revolucionários e novos, pois arrazam tôdos os preconceitos de raça e de família, unindo as almas num grande amplexo espiritual de fraternidade e tolerância. A filosofia humana jamais nos disse que os aflitos e pacíficos são bem-aventurados no céu; entretanto, com as suas lições renovadoras, modificamos o conceito de virtude, que, para o Deus soberano e misericordioso das Alturas, não está no homem mais rico e poderoso do mundo, mas no mais justo e mais puro, embora humilde e pobre.

Sua palavra compassiva e carinhosa espalhou ensinamentos que sómente hoje posso compreender, na sombra espessa e triste dos meus sofrimentos...

— Meu pai — exclamou Flávia Lentulia, extremamente interessada na conversação — chegaste a ver o profeta muitas vezes?...

— Não, filha. Antes do dia nefasto de sua morte infamante na cruz, sómente o vi uma vez, ao tempo em que eras pequenina e doente. Isso bastou, contudo, para que eu recebesse nas suas palavras sublimes, luminosas lições para tôda a vida. Só hoje entendo as suas exortações compassivas e carinhosas, compreendendo que a mi-

nha existência foi bem uma oportunidade perdida!... Aliás, já naquele tempo, sua profunda palavra me dizia que eu defrontava, no minuto do nosso encontro, o maravilhoso ensejo de todos os meus dias, acrescentando, na sua extraordinária benevolência, que eu poderia aproveitá-lo naquela época ou daí a milênios, sem que me fôsse possível apreender o sentido simbólico de suas palavras...

— Tôdas as concessões de Jesús eram a Verdade santificada e consoladora, acrescentou Ana, agora gozando de toda a intimidade com os seus senhores.

— Sim — exclamou Públio Lentulus, concentrado nas suas reminiscências — minhas observações pessoais autorizam-me a crer da mesma fôrma.

Se eu tivesse aproveitado a exortação de Jesús naquele dia, talvez houvesse alijado mais de metade das provações amargas que a Terra me reservava... Se houvesse buscado compreender sua lição de amor e humildade, teria procurado André de Gioras, pessoalmente, reparando o mal que lhe havia feito, com a prisão do filho ignorante, demonstrando-lhe o meu interesse individual, sem confiar tão somente nos funcionários irresponsáveis que se encontravam a meu serviço... Guiado por esse interesse, teria encontrado Saúl facilmente, pois Flamínio Severus seria, em Roma, o confidente dos meus desejos de reparação, evitando dessa maneira a dolorosa tragédia da minha vida paternal.

Se houvesse entendido bastante a sua caridade, na cura de minha filha, teria conhecido melhor o tesouro espiritual do coração de Livia, vibrando com o seu espírito na mesma fé, ou caído juntamente com ela na arena ignominiosa do circo, o que seria suave, em comparação com as lentas agonias do meu destino; teria sido menos vaidoso e mais humano, se lhe houvesse entendido a preceito a lição de carinho e fraternidade...

— Meu pai — exclamava, porém, a filha, de molde a confortar-lhe as agruras do coração — se Jesús é a sabedoria e a verdade, de qualquer modo êle saberia compreender as razões da vossa atitude, sabendo que fostes forçado pelas circunstâncias a manter êsse ou aquele princípio em vossa vida.

— Minha filha, nêstes últimos anos — revidou Públio, ponderadamente — tenho a presunção de haver chegado às mais seguras conclusões, a respeito dos problemas amargos da dôr e do destino...

“Acredito hoje, com a experiência própria, que as atividades penosas do mundo me ofertaram, que nós contribuimos, sobretudo, para agravar ou atenuar os rigores da situação espiritual, nas tarefas desta vida. Admitindo, agora, a existência de um Deus Todo Poderoso, fonte de tôda a misericórdia e tôdo o amor, creio que a sua lei é a do bem supremo para tôdas as criaturas. Esse código de solidariedade e de amor deve reger tôdos os seres e, dentro dos seus dispositivos divinos, a felicidade é o determinismo do céu para todas as almas. Toda vez que caímos ao longo do caminho, favorecendo o mal ou praticando-o, efetuamos uma intervenção indébita na lei de Deus, com a nossa liberdade relativa, contraindo uma dívida com o peso dos infortúnios...

Não me referindo aos meus atos pessoais, que agravaram as minhas angustiosas dores íntimas, e considerando Jesús como medianeiro entre nós e Aquele que a sua profunda palavra chamava Pai Nosso, fico hoje a pensar se não cometi um êrro, forçando a sua misericórdia com a minha súplica paternal, afim-de que continuasses a viver nêste mundo, para o nosso amor em família, quando eras pequenina!...

Flávia Lentulia e Ana, que acompanhavam os raciocínios do senador, desde muitos anos, lhe seguiam as conclusões morais, cheias de surpresa, em face da facilidade íntima com que sabia aliar as lições penosas do seu destino aos princípios pregados pelo profeta nazareno.

— Na verdade, meu pai — disse Flávia Lentulia depois de longa pausa — tenho a impressão de que as forças divinas haviam deliberado arrebatá-me do mundo, considerando as dôres penosas que me esperavam na estrada escabrosa do meu destino desventurado...

— Sim — ajuntou o senador, cortando-lhe a palavra — ainda bem que me compreendeste as referências. A vida e o sofrimento nos ensinam a entender melhor o plano das determinações de ordem divina.

Antigos iniciados das religiões misteriosas do Egito e da Índia acreditam que nós voltamos várias vezes à Terra, noutros corpos!...

Nêsse instante, o velho patricio fez uma pausa.

Lembrando-se dos seus antigos sonhos, quando, em se vendo com a indumentária de Cônsul dos tempos de Catilina, infligia aos inimigos políticos o suplício da cegueira, a ferro incandescente, quando se chamava Públio Lentulus Sura.

Nos seus pensamentos caía como que uma torrente de ilações novas e sublimadas, como se fôsem renovadoras inspirações da sabedoria divina.

Mas, depois de alguns instantes, como se o relógio da imaginação houvesse parado alguns minutos para que o coração pudesse escutar o tropél das lembranças no deserto do seu mundo subjetivo, murmurava, confortado, na posse do tardio roteiro do seu amargurado destino:

— Hoje creio, minha filha, que, se as energias sábias do céu haviam decidido a tua morte, em pequenina; determinação essa que eu possivelmente contrariei com a minha súplica angustiosa no recôndito do meu orgulho e infeliz coração — é que deverias ficar livre do cárcere que te prendia, de modo a te preparares melhor para a resignação, para a fortaleza e para os sofrimentos. Certamente, renascerias mais tarde e encontrarias as mesmas circunstâncias e os mesmos inimigos, mas terias um organismo mais forte para resistir aos embates penosos da existência terrestre.

Reconhecemos hoje, portanto, que ha uma lei soberana e misericordiosa a que devemos obedecer, sem interferir no seu mecanismo feito de misericórdia e sabedoria...

Quanto a mim, que tive um organismo resistente e uma fibra espiritual saturada de energia, sinto que, em outras vidas, procedi mal e cometi crimes nefandos.

Minha atual existência teria de ser um imenso rosário de infindas amarguras, mas vejo tardiamente que, se houvesse ingressado no caminho do bem, teria resgatado um montão de pecados do pretérito obscuro e delituoso.

Agora entendo a lição do Cristo, como sendo o ensinamento imortal da humanidade e do amor, da caridade e do perdão, caminhos seguros para tôdas as conquistas do espírito, longe dos círculos tenebrosos do sofrimento!

E lembrando o sonho que relatára a Flaminio, nos tempos idos, concluia:

— A expiação não seria necessária no mundo, para burilamento da alma, se compreendessemos o bem, praticando-o por atos, palavras e pensamentos. Se é verdade que nasci condenado ao suplício da cegueira, em tão trágicas circunstâncias, talvez tivesse evitado a consumação desta prova, se abandonasse o meu orgulho para ser um homem humilde e bom.

Um gesto de generosidade de minha parte teria modificado as íntimas disposições de André de Gioras; mas, a realidade é que, não obstante todos os preciosos alvitres do Alto, continuei com o meu egoísmo, com a minha vaidade e com a minha criminosa impenitência. Agravei, dêsse modo, meus débitos clamorosos perante a Justiça Divina, e não posso esperar magnanimidade dos juizes que me aguardam...

O velho Públio Lentulus tinha uma lágrima dolorosa no canto dos olhos apagados, mas, Ana que ansiosa lhe escutára as palavras e conceitos, e que se regosijava intimamente verificando que o orgulhoso senhor atingira as mais justas conclusões de ordem evangélica, ilações a que também ela havia chegado nas meditações da velhice, esclarecia, bondosamente, como se as suas afirmativas simples e incisivas chegassem no momento justo para a consolação de todos:

— Senador, — todas as vossas observações são criteriosas e justas. Essa lei das vidas multiplas, em favor do nosso aprendizado nas lutas penosas do mundo, eu a aceito plenamente, pois, nas suas divinas lições, Jesus asseverou que “ninguém poderá penetrar o reino dos céus sem renascer de novo”. Presumo, todavia, que apesar-da vossa cegueira material e dos vossos padecimentos, que sei compreender em tôda a sua angustiosa intensidade, deveis trazer a alma plena de crença e de esperanças no futuro espiritual, porque também o Cristo

nos afiançou que Nosso Pai não quer que se perca uma só de suas ovelhas!...

Públio Lentulus sentiu que uma força inexplicável lhe brotava no íntimo, como se fôra um manancial desconhecido, de estranho conforto, preparando-o para enfrentar dignamente todos os amargores.

Sim — murmurou de leve — sempre Jesús!... Sempre Jesús!... Sem êle e sem os ensinamentos de suas palavras que nos enchem de coragem e de fé para alcançar um reino de paz no porvir da alma, não sei bem o que seria das criaturas humanas, agrilhoadas ao cárcere dos sofrimentos terrestres... Sete anos de padecimentos infintos na soledade dos meus olhos mortos, figuram-se-me sete séculos de aprendizado cruel e doloroso! Sómente assim, porém, poderia chegar a entender a lição do Crucificado!

O velho patrício, todavia, em pronunciando a palavra "crucificado", reconduziu o pensamento a Jerusalém, na Páscoa do ano 33. Recordou que tivera em mãos o processo do Emissário Divino, e só então ponderou a tremenda responsabilidade em que se vira envolvido naquele dia inolvidável e doloroso, exclamando depois de longa pausa:

— E pensar que, para um espírito como aquele, não houve sequer uma gesto decisivo de defesa, da nossa parte, no angustioso momento da cruz infamante!... Para mim, que agora vivo tão sómente das minhas recordações amargas, parece-me vê-lo ainda á frente dos meus olhos, com os tristes estigmas da flagelação!...

"Nêle, concentrava-se tôdo o amor supremo do céu para redenção das misérias da Terra e, entretanto, não vi pessoa alguma trabalhar pela sua liberdade, ou agir ativamente em seu favor!...

— Menos alguém... — exclamou Ana, inopinadamente.

— Quem chegou a ter êsse gesto nobre? — perguntou o velho cego, admirado. "Não me constou que alguém o defendesse.

— E' porque ignorastes, até hoje, que vossa digna consorte e minha inesquecível benfeitora, atendendo aos

nossos rogos, se dirigiu imediatamente a Pôncio Pilatos, tão logo o triste cortejo havia saído da côrte provincial romana, para interceder pelo Messias de Nazaré, injustamente condenado pela multidão enfurecida. Recebida pelo governador no seu gabinete particular, foi em vão que a nobre senhora implorou compaixão e piedade para o Divino Mestre.

— Então Livia chegou a dirigir-se a Pilatos para suplicar por Jesús? — perguntou o senador interessado e perplexo, recordando aquela tarde angustiosa da sua vida e rememorando as calúnias injuriosas de Fúlvia, a respeito de sua mulher.

— Sim — respondeu a serva — por Jesús, seu coração magnânimo desprezou tôdas as convenções e tôdos os preconceitos, não vacilando em atender às nossas súplicas, tudo fazendo por salvar o Messias da morte infamante!...

Públio Lentulus sentiu, então, grande dificuldade para externar seus pensamentos, com a garganta sufocada de emoção, dentro de suas amargas lembranças, e com os olhos mortos, mareados de lágrimas...

Ana, porém, recordou todos os pormenores daquele crepúsculo doloroso, relatando suas passadas emoções, enquanto o senador e a filha lhe escutavam a palavra, tomados de pranto no caminho da dôr, da gratidão e da saudade.

El era dêsse modo que, ao fim de cada dia, sob o céu brilhante e perfumado de Pompéia, aquelas três almas se preparavam para as realidades consoladoras da morte, dentro da claridade terna e triste das lições amargas do destino, na esteira das recordações amigas e carinhosas.

X

NOS DERRADEIROS MINUTOS DE POMPÉIA

Em radiosa manhã do ano de 79, tôda Pompéia despertou em rumores festivos.